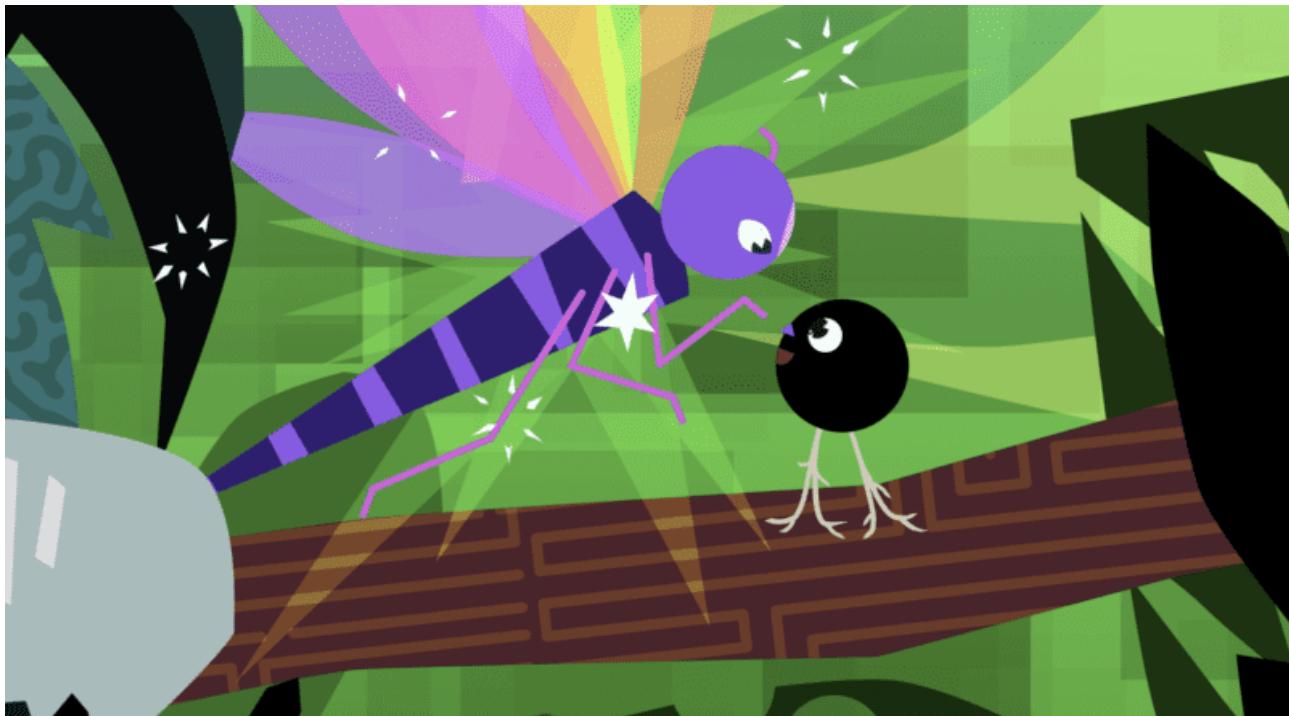


Autor: Castro

“Eu só queria sentir a magia do Sol em mim”: de como pode ser consolador imaginar baratas fazendo música no lixão...



Ainda que não seja o mote principal defendido nesta coluna, às vezes, precisamos evadir-nos através de um filme, que nos permita algum idílio em meio às atrocidades noticiadas diuturnamente. O caso devastador dos adolescentes sulistas que espancaram um cachorro até a morte, numa região praiana, é uma destas situações que exigem que encontremos alguma exortação à beleza e/ou convocação à esperança num filme. É para isso que servem os enredos infantis — os melhores, ao menos.

Estreado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em outubro de 2025, repriseado numa seção destinada às crianças, na Mostra de Cinema de Tiradentes, e selecionado para participar do Festival Internacional de Cinema de Berlim, em 2026, o longa-metragem “Papaya” (2025, de Priscilla Kellen) encanta-nos pelo modo como estende uma situação bastante simples — a trajetória de uma semente de mamão, do instante em que cai no chão até a sua reencarnação enquanto inseto alado —, a fim de denunciar os efeitos destrutivos do agronegócio e valorizar os esforços individuais na persecução de um sonho.

Estruturado de maneira geométrica, com círculos e triângulos abundantes, além da ênfase nas cores dos vegetais apresentados, “Papaya” inicia-se de maneira abstrata, com vários formatos superpostos, até que identifiquemos uma sementinha mamando nas tetas internas de uma fruta. De repente, notamos que esta sementinha é uma dentre dezenas, no interior de um mamão. Barulhos irrompem do lado de fora, de modo

